

# OS SEGMENTOS INFERIORES DO SISTEMA URBANO BRASILEIRO, SUAS MÚLTIPLAS RELAÇÕES UNS COM OS OUTROS E COM OS OUTROS E COM O PROCESSO DA DESENVOLVIMENTO E BEM ESTAR SOACIAL DA POPULAÇÃO.\*<sup>1</sup>

Regina Celia Viegas Ramos.\*\*

Paulo de Castro Nugucira.\*\*\*

## 1.- **INTRODUÇÃO:**

Durante muito tempo tem havido uma preocupação constante com o segmento superior do sistema urbano brasileiro. À base de pressuposto de que um processo de difusão para baixo levaria o sistema ao equilíbrio. Isto não tem ocorrido, nem em muitos outros países, o que tem levado muitos pesquisadores a procurar novas saídas, tanto teóricas como práticas para o problema.

De um lado uma tendência universal e muito humana, tem levado sub populações locais a procurarem num mecanismo de revisão territorial, pela criação de municípios (e às vezes até estados), conseguir obter representatividade política e participação mais adequada na alocação de recursos.

De outro lado o funcionamento normal do processo político, que tem procurado, por meio de centralização de ação governo, conseguir mais controle, mais eficiência e rapidez no uso de recursos públicos; sem contar no controle da execução de projetos que visam alcançar objetivos nacionais de desenvolvimento – usualmente crescimento do Produto Interno Bruto - , assumindo o mesmo processo de difusão para baixo a para os lados, que distribuiriam os frutos do progresso a todos os recantos do país.

Como esta segunda tendência encontra apoio dos modernizadores da sociedade brasileira, nos ideólogos do nacionalismo e no grande capital internacional e empresas transnacionais, por motivos diversos, esta tendência tem prevalecido por muito tempo.

A falta de estudos das regiões – muitas vezes do papel de centros regionais sobre e sua área de influência mais imediata – e de políticas de desenvolvimento que se separem da óticas imediatistas de eficiência econômica de curto prazo, para crescimento do PIB, por exemplo, têm sido responsáveis pela incapacidade de se oferecerem alternativas válidas para estas políticas de curto prazo.

---

<sup>1</sup> \*Projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (uerj) e sob a orientação do professor Speridião Faisol.

\*\*Graduanda em bacharelado (7º período) e bolsista do CNPq.

\*\*\*Graduando em barcharelado (7º período).

O presente trabalho visa oferecer informações sobre o segmento inferior do sistema urbano, o intermediário e as pequenas cidades, apenas mencionadas no contexto de agregados de estratos de tamanho, que não deixam aparecer as realidades destes pequenos centros. Trata-se de uma visão diferente do sistema urbano, mais de baixo para cima, mais de dentro para fora.

Essencialmente este trabalho visa o estudo do sub-sistema das cidades pequenas e médias no Brasil, com ênfase no Estado do Rio de Janeiro.

## **2.- METODOLOGIA UTILIZADA:**

Com a leitura da bibliografia existente e muita reflexão sobre a situação atual das pequenas e médias cidades brasileiras, sentiu-se a necessidade de aglutinar vários fatores, que indicavam a mesma situação, numa só determinante que nos permitisse visualizar suas várias componentes.

Escolheu-se então o método da análise fatorial. Este método veio de encontro às nossas necessidades, que eram as de visualizar variáveis distintas numa só determinante. Passamos então a estudar e refletir sobre as variáveis que escolheríamos, e o que estas variáveis representariam e nos diriam.

Existiam basicamente 4 tipos de fatores que queríamos determinar; o tamanho da cidade, o desenvolvimento, urbanização e a industrialização, para tal precisaríamos de variáveis que traduzissem estes fatores, e que juntas revelassem uma FACE do sistema de cidades. Depois de muita reflexão sobre o que cada variável significaria e do que ela mostraria, foram escolhidas 36 variáveis, sendo que: as 8 primeiras indicativas de tamanho, mais 22 indicativas de desenvolvimento e urbanização, e as últimas 6 indicativas de industrialização:

- 1.- População Urbana
- 2.- Nº de domicílios urbanos permanentes
- 3.- Nº de domicílios com automóvel
- 4.- Nº de domicílios com TV
- 5.- População Economicamente Ativa
- 6.- PEA na indústria de transformação
7. Nº de migrantes
- 8.- de pessoas com 10 anos ou mais que trabalham
- 9.- % de domicílios com água
- 10.- % de domicílios com esgoto
- 11.- % de domicílios com TV
- 12.- % de domicílios com TV colorida
- 13.- % de domicílios com automóvel
- 14.- % de domicílios com geladeira
- 15.- % de domicílios com fogão

- 16.- % de alfabetizados (5 anos ou mais)
- 17.- % de pessoas com renda até 1 sal. Min.
- 18.- % de pessoas com renda de 1 a 2 sal. Min.
- 19.- % de pessoas com renda de 2 a 5 sal. Min.
- 20.- % de pessoas com renda de 5 a 10 sal. Min.
- 21.- % de pessoas com renda de mais de 10 sa. Min.
- 22.- % de estudantes na pop. Urbana
- 23.- % de pessoas que trabalham na pop. urbana
- 24.- % de mulheres no total das pessoas que trabalham
- 25.- % de mulheres com renda inferior a 5 sa. Min.
- 26.- % de homens com renda inferior a 5 sal. Min.
- 27.- % de pessoas no setor industrial
- 28.- % de pessoas no setor comercial
- 29.- % de pessoas no setor de serviços
- 30.- % idem na administração pública e atividades sociais
- 31.- % de pessoas na ind. de bens de consumo não duráveis
- 32.- % de pessoas nas ind. de bens intermediários
- 33.- % de pessoas nas ind. de bens de capital
- 34.- % do VTI nas ind. de bens de consumo não duráveis
- 35.- % do VTI nas ind. de bens intermediários
- 36.- % do VTI nas ind. de bens de capital

Cabe ressaltar que o que chamamos de : desenvolvimento, urbanização, tamanho e industrialização são conceitos inteiramente nossos e expressos pelo significado que demos a da uma das variáveis escolhidas.

Escolhidas estas 36 variáveis, foram feitas várias análises fatoriais: das cidades de nível centro regional, sub regional e de zona. No caso das cidades médias, foram utilizadas todas as cidades, mas no caso das cidades sem centralidade foram feitas amostragens. Cabe ressaltar que a identificação destas cidades médias e pequenas foram feitas neste prometo, segundo o estudo do IBGE “Áreas de influência das cidades” e sua classificação hierárquica. As análises feitas, em pelo menos uma forma, foram divididas em duas regiões: núcleo básico mais desenvolvido e periferia, para melhor captar as diferentes regionais, simultaneamente cõn a hierarquia.

Além das cidades acima citadas foram feitas análises específicas para o sistema urbano do Estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de colocá-lo Numa perspectiva nacional, e permitir o uso de alguns municípios como estudos de caso no contexto o conjunto mais amplo.

A partir destas análises passamos a ver as disparidades existentes no que tange ao segmento inferior do sistema urbano brasileiro. Notamos que as cidades médias e pequenas, principalmente estas últimas e as localizadas na região nordeste do país, são porções esquecidas do sistema urbano brasileiro. Elas não são capazes de gerar recursos próprios e o governo, por sua vez, não distribui

equitativamente os recursos da União, promovendo o empobrecimento deste segmento. Notamos nas análises que este esquema só é quebrado, quando num centro de zona, por exemplo, o turismo. Na análise ficou patente também o papel das regiões metropolitanas como um segmento centralizador, porém sui generis, já que está sempre “subordinado” à metrópole. Outro ponto, que ficou flagrante nas análises foi que as metrópoles do NE são grandes no tamanho e pouco desenvolvidas, embora, sendo metrópolis, enquanto as do centro-sul são bem mais desenvolvidas, mas não tão grandes em tamanho (com exceção do Rio e São Paulo, pois são casos particulares de cidades primazes). E isto vai refletir no segmento inferior do sistema, já que em termos de região as grandes metrópolis influenciam e muito no desenvolvimento destas pequenas e médias cidades.

E como fazer com que estas disparidades e este empobrecimento do segmento inferior do sistema urbano sejam sanados?.

### **3.-CONCLUSÃO**

Existem três opções fundamentais no processo de desenvolvimento, tanto no que se refere à sociedade como um todo ou parte dela, como no que diz respeito ao território ou parte dele: crescer sem distribuir, distribuir sem crescer e crescer com distribuição. A escolha de uma delas depende dos objetivos com que procuramos alcançar o progresso, inclusive da posição relativa que ocupamos numa escala de desenvolvimento; depende de como vemos e aceitamos a interseção do espaço de nossas vidas; depende de nossa própria visão do mundo e das visões que os outros têm dela, enfim depende de um compromisso.

Do ponto de vista das cidades pequenas e médias a opção da distribuição se faz gritante, ao mesmo tempo sabemos que crescer é importante para o país, logo torna-se difícil realizar estes dois aspectos à nível de município. A proposição vista pelo presente trabalho seria de uma política de planejamento urbano-regional integrado. É claro que no conceito de região fica a ser discutido e não se faz objeto do presente trabalho.

Não seria um planejamento regional imposto de cima para baixo, já que temos experiência em termos de Brasil de que este processo além de ineficiente, fere as características regionais, além de obviamente ser anti democrático. O planejamento pensando seria de forma a discutir os problemas regionais, utilizando as associações de moradores, os sindicatos, em fim a comunidade em geral, e a partir deste processo propor uma política integrada de planejamento urbano-regional.

No nosso de vista haveria uma melhor distribuição de recursos e uma melhor alocação destes recursos com este procedimento. Afinal crescer com distribuição é que todos querem e precisam.